

## DE ASAS ABERTAS / BUSCAR NOVO CHÃO

- Livro de Adriana Landeiro , Salvador Bahia 2020 –  
*Artigo de Chiara Mari, poeta e artista, 2024*

Este livro é um roteiro de viagem e um jornal íntimo ao mesmo tempo. É um romance de uma eterna peregrina que se joga na vida, contando só com seus pés, seus braços, seu coração, sua inteligência e emoção. É um romance mais verdadeiro, onde tem uma história concreta de busca de si. Uma história concreta de busca de encontros com o divino, com a natureza e com as surpresas que a peregrinação vai reservar.

Pessoa surgem ao longo do caminho e cada uma tem uma mensagem para autora. Adriana acolhe cada pessoa e acontecimento ao longo dos dias como ensinamento e experiência para ela amadurecer nas experiências prévias.

Um roteiro com muitas páginas, muitas etapas. Muitas aldeias e cidades visitadas. Uma viagem de meses que a transformou. Os ecos nos transformam também, que viajamos com ela, uma página depois da outra.

Uma escrita simples, didática pelo simples fato de ser autenticamente si mesma. Ser si mesma com todos seus medos, sonhos, anseios, e novas impulsões talvez seja o mais inspirador para avançar no caminho da vida.

Adriana nos ensina que não há caminho certo, prévio, definido mas que o caminho se faz andando. Lutando, se cansando, perguntando, se espantando, correndo, rindo, se jogando, ousando. Adriana enxerga com lucidez algumas verdades existências que talvez nem todos já vislumbraram. Como ela escreve, no caminho tem dificuldades, mas não é razão para desistir.

Adriana tem fé, ela segue caminhando, procurando e se transformando. Fé na sua perspectiva aparece como sinônimo de confiança, determinação e responsabilidade individual.

“Seguir o caminho de Deus não quer dizer que vai ser fácil ou curto, enfrentamos dificuldades, mas que nos ajudam a aprender. Às vezes, pelo cansaço ou para dar uma de esperto, queremos achar outros caminhos, atalhos, que nos façam chegar logo no nosso objetivo. Porém o sair do caminho por opção pode nos pôr em situações complicadas e acabar nos perdendo ainda mais. Ao seguir pelo caminho, por mais que tenhamos problemas, existirão pessoas para nos ajudar, pessoas que também estão no caminho. Se, às vezes, sem querer, nos desviamos e percebemos estar perdidos, sempre existirá a chance de voltar ou podemos escolher seguir nos afastando”.

A lucidez que Adriana nos oferece em presente nesta viagem é uma lucidez que mostra também que nosso olhar pode estar ofuscado por emoções e sentimentos que nos impedem de ver de verdade. Ela escreve “só enxergamos o que queremos”. Com esta sabedoria ela nos convida assim a abrir mão das nossas certezas para olhar além. Olhar além do que acreditamos saber, ver, sentir e nos deixar surpreender pelo que é divino e uma nova visão, mais livre, podem nos aprender. Adriana expressa uma leveza, uma doçura e uma simplicidade muito parecidas com aquela das crianças.

A borboleta parece sabe-o: “ao ir andando até o lago conversando com a outra voluntária, vi uma borboleta em uma flor, botei o dedo como quem não quer nada e ela simplesmente veio para o meu dedo. Achei aquilo tão mágico”. É uma leveza profundamente enraizada na sua alma que senti quando a encontrei ao vivo.

Mágico também que nas últimas etapas da viagem Adriana vai conhecer a comunidade de Taizé na Francia e, pela exposição fotográfica, a comunidade de Taizé em Alagoinhas, Bahia. Sincronicidade que nos unem. Essa beleza da procura do divino e da solidariedade vivida ao cotidiano, na Francia e em Alagoinhas, é preciosa e revolucionária e ela consegue relata-las de um jeito simples, forte e direto.

Como ela escreve o viajante: “encontrou uma riqueza em Alagoinhas, apesar de toda pobreza da comunidade local. Que existe um oceano que os separa, muito mais metafórico do que geográfico, mas que tamanha diferença ensinou muito sobre a vida”. Este final é um testemunho de esperança que nos convida a nos deixar ensinar e inspirar, além das diferenças e das distâncias e nos reconhecer como ser humanos, peregrinos, na viagem da vida.

Um convite para cada um de nós ser e demorar eterno peregrino, curioso, buscador de verdade, de novos horizontes e sentidos, de encontros verdadeiros, liberdade e simplicidade. “Felicidade é barata, liberdade também, poesias são fragmentos de liberdade que fazem explodir o mundo em beleza e magia” acrescento eu. Um convite

e testemunho de generosidade e coração na mão também, porque Adriana quis que todas as vendas das obras iam para a Casa de encontro e de oração da Irmã Violeta em Salvador Bahia.

Al final, uma mensagem individual transformadora e social.

Um potencial simples e doce, forte e revolucionário ao mesmo tempo.

Ao final, Adriana volta de onde partiu, porque como ela escreve “é preciso rodar o mundo e saber voltar”. Ela volta na sua Bahia que nos chama saudade pelo simples fato de estar presente nas suas lembranças de sol que esquenta de água quente de verdade.

Adriana escreve: “Que saudade eu tive das águas da Bahia. Passei mais um dia com as meninas. Visitamos mais praias e, no segundo dia, até me rendi a um mergulho. Não gosto da ideia de conhecer um lugar com praia e não cair no mar. E claro, arrastei-as para ver um pôr do sol”.

Que saudade deste sol que esquenta e destas águas de Iemanjá que nos purificam e libertam, acrescento eu. Que saudade desta terra de dor e alegria. Saudade de voltar para quem como eu já viveu lá.

Mas vamos lá, a peregrinação, a viagem, a busca ainda tem que continuar, e...talvez Adriana agora não esteja já mais lá... Surpresas da vida...



“ULTREIA VIANDANTE<sup>1</sup>  
para onde for floresca  
e que a vida nos guarde eternamente peregrinas”



“Voar, liberdade, viajar, conhecer. Busca, novos horizontes, novas experiências.  
Que novos chãos possam aparecer e, com eles, novos aprendizados<sup>2</sup>”.

24.04.2024

---

<sup>1</sup> MARI C., Sulle ali della libertà, Helvetia Edições, Vevey, 2023.

<sup>2</sup> LANDEIRO A., De asas abertas-buscar novo chão, Bahia, 2024.